

CIDADES REINVENTADAS: EXPERIMENTAÇÕES DECOLONIAIS NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Reinvented cities: decolonial experiences in the 3rd year of Fundamental Education

Fernanda Rabeloⁱ
fernandafrabelo@gmail.com

Instituto de Aplicação Universidade do Estado
do Rio de Janeiro CAP-UERJ
Rio de Janeiro – Brasil

Taianã de Oliveira Mello Garciaⁱⁱ
taianamello@gmail.com

Instituto Federal Fluminense - IFF
Rio de Janeiro – Brasil

Resumo

As propostas de produções artísticas feitas aos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp UERJ) partiram da reflexão sobre como a aprendizagem das práticas de Matriz Colonial de Poder, de acordo com Walter Mignolo, atravessam os currículos e a todos. Através de um olhar transdisciplinar, criamos desvios, deslocamentos, inversões e desobediências em nossas práticas, a fim de desnaturalizar, junto aos estudantes, ideias preconcebidas sobre a nossa sociedade e cidade, estimulando seu amadurecimento como indivíduos e cidadãos.

Palavras-chave: Arte. Cidade. Decolonialidade. Transdisciplinaridade. Currículo.

Abstract

The artistic works propositions made to the students of the third year of Primary education from the Institute of Application Fernando Rodrigues da Silveira (CAp UERJ) were elicited after considerations on how the learning of Colonial Matrix of Power practices, according to Walter Mignolo, permeates the curriculum and all involved. Throughout a transdisciplinary perspective, we have created deviations, diversions, inversions and disobedience in our practices, intending to denaturalize, together with our students, preconceived ideas about our society and city, encouraging their development as individuals and citizens.

Keywords: Art. City. Decoloniality. Transdisciplinarity. Curriculum.

Introdução

Todas as aulas de artes oferecidas ao 3º ano do Ensino Fundamental, como música, teatro, artes visuais e educação física acontecem uma vez por semana, numa mesma tarde de quarta-feira. Esse é o único dia em que os alunos ficam até mais tarde na escola, almoçam sozinhos, são organizados em grupos com colegas de outras turmas e mexem o corpo e a subjetividade intensamente dentro e fora das salas de aula. Barulho de flautas sendo sopradas até chegar ao tom mais agudo, gritos, rostos vermelhos e camisetas molhadas de suor, brigas e gargalhadas – todas essas pulsões adentram as salas refrigeradas. O esforço é coletivo para gerir os ânimos, sentar nos bancos, falar mais baixo e escutar; o professor chama a atenção dos estudantes, e estudantes chamam a atenção de outros estudantes – isso tudo para a aula começar, embora saibamos que início e fim sejam apenas marcos para a organização da relação entre tempo e produção, avaliação e notas nos boletins, e que os processos pedagógicos estão sempre acontecendo.

Assim, seguimos com essa rotina escolar, onde também aprendemos a cindir corpo e mente, desejos e obrigações – características dos tempos atuais e tecnológicos e, antes, de uma herança colonial que pretende subjugar nossos corpos, modos e subjetividades. Refletindo sobre como a aprendizagem dessas práticas de Matriz Colonial de Poderⁱⁱⁱ dicotômicas atravessam os currículos e a todos, pretende-se, nesta pesquisa, apresentar de que forma nós, professoras de artes visuais e teatro do CAP UERJ, a partir de um olhar transdisciplinar, criamos desvios, deslocamentos, inversões e desobediências em nossas práticas, a fim de subverter as narrativas hegemônicas que nos encerram em uma abordagem de linha de produção que vem constituindo a nossa aprendizagem.

Cidades inventadas: vem pra luta!

O estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro e, especificamente, do bairro Rio Comprido, onde se localiza o CAP UERJ, está previsto no plano pedagógico do núcleo comum^{iv} das turmas de 3º ano do Ensino Fundamental. Em teoria, as disciplinas de artes poderiam desenvolver um outro plano para esse mesmo ano, já que não fazem

parte do núcleo comum. Porém, como acreditamos na potência das práticas transdisciplinares e no pensamento da *complexidade* – um modo de recompor a visão da realidade suscetível de religar os saberes dispersos sem fundi-los numa hipotética síntese global, mas sim como um modo de integrar a desordem, o incerto, o inesperado e o acaso no conhecimento do real (JAPIASSÚ, 2006, p. 16) – sob uma perspectiva decolonial, começamos a trabalhar juntas e em parceria com o núcleo comum e com o LUMEI, projeto de extensão do CAp que estuda os bairros cariocas e que reflete sobre outras formas de aprender geografia.

Nesse sentido, nas aulas de artes visuais, a primeira proposta desenvolvida no início do ano letivo de 2018 se concentrou em investigar as relações que os estudantes estabelecem com as cidades, o que faz parte dos seus imaginários urbanos, o que escolhem tornar visível no espaço e o que rechaçam. Em grupos, por meio do desenho, foram instigados a projetar *Cidades Inventadas* onde todos os elementos representados poderiam ser livremente criados: sistema de transporte, tipos de moradia, as ruas, etc. *Cidade Livre*, *Cidade das Crianças*, *Futurolândia* e *Cidade das Flores* foram alguns títulos dados pelas crianças a esses desenhos.

Como essas aulas têm a duração de 50 minutos somente, as cidades foram sendo construídas ao longo de dois meses. A cada semana discutíamos um pouco mais sobre as suas escolhas e os estudantes acrescentavam ou substituíam elementos representados. Algumas aulas ministradas por licenciandos – estudantes de Artes Visuais da UERJ que realizam estágio supervisionado na escola –, aprofundaram-se em aspectos específicos, como o gestual de hábitos cotidianos na cidade, os monumentos que homenageiam importantes figuras da história e nomes de ruas. Nessa última, conversamos sobre a placa indicativa de nome de rua criada com o nome da vereadora Marielle Franco, objeto que virou símbolo de resistência e luta pelos direitos humanos e democracia no nosso país. Em relação aos seus próprios projetos, conversamos sobre como a cidade pode refletir ou ocultar a sua história, por isso sugerimos que os alunos indicassem os nomes das ruas e criassem monumentos que homenageassem pessoas importantes cuja participação na sociedade tivesse sido relevante (FIGURA 1).



Figura 1 Desenho das “Cidades Inventadas”. Fonte: acervo pessoal, 2018.

O trimestre estava prestes a se encerrar, as avaliações já tinham sido realizadas, e a última aula de artes visuais do trimestre seria dedicada a pequenos ajustes nesses desenhos das cidades. Nessa mesma tarde, no caminho para sala de aula, deu-se o nosso encontro um pouco inesperado, já que quase sempre as aulas de artes visuais e teatro acontecem ao mesmo tempo e trabalhamos na escola em horários que não favorecem os encontros constantes para trocar ideias. Entre nós, a cumplicidade em relação ao cansaço com o fim das atividades e, talvez por isso mesmo, a animação e disponibilidade para o acaso: "Vamos fazer alguma coisa juntas hoje?". Trocamos brevemente ideias sobre os nossos trabalhos desenvolvidos. Taianã, professora de teatro, havia desenvolvido uma série de trabalhos sobre democracia, desigualdade e luta social, onde pôde observar uma intensa reprodução, por parte das crianças, dos discursos partidários (estávamos no período eleitoral) advindo das vivências familiares e dos discursos proferidos por pais, mães e familiares em seus espaços privados de convivência.

Embora o período eleitoral de 2018 tivesse sido bastante desgastante principalmente para aqueles que lutam por políticas voltadas para a diminuição das desigualdades, o trabalho feito com as crianças do 3º ano que reproduziram discursos de candidatos racistas, classistas, machistas e homofóbicos não foi no sentido de diminuir ou atacar os seus pontos de vista e de pais e familiares, mas sim, justo o contrário, o de buscar entender a posição social que aquelas famílias ocupam sem negar as falas das crianças, mas lhes acolhendo e procurando compartilhar o poder da dúvida através de outras perguntas: “E por que você acha isso?”; “Como isso se aplica na sua vida?”; “E você considera isso justo com você? E com os outros? Faz justiça ao contexto que estamos observando e às pessoas que nele transitam?”.

Fernanda, de artes visuais, por sua vez, contou-lhe sobre as *Cidades Inventadas* e, rapidamente, ali, no porão da escola, onde ficam as salas de artes, compreendemos que os trabalhos poderiam se contaminar mutuamente de suas reflexões, porque sobretudo problematizavam as organizações sociais político-esteticamente. Assim, criamos a seguinte dinâmica: cada cidade inventada ficaria com um outro grupo diferente de estudantes, que observariam o desenho e fariam anotações indicando questões ou problemas na cidade que seriam apresentados ao restante da turma. Motivados pelas questões observadas, em uma segunda etapa da dinâmica, fariam cartazes e sairiam em uma manifestação pela escola reivindicando seus direitos e melhorias para as *Cidades Inventadas*.

Juntamos as turmas de artes visuais e teatro na própria sala de teatro e os grupos se formaram para analisarem os projetos das *Cidades Inventadas* (FIGURA 2). Como a proposta também foi uma surpresa para os estudantes, inicialmente ficaram mais agitados, porém, logo se apropriaram dela e se organizaram de maneira que os autores das cidades apresentavam os seus desenhos para todos que poderiam contestar aquele projeto. Problematisações diversas foram colocadas, desde a necessidade de rampas para ampliar a acessibilidade das pessoas e outras alternativas de mobilidade para não causar engarrafamento e poluição; como até sugestões para que cada casa tivesse uma pista para pouso de naves espaciais, para que mais flores fossem plantadas nas laterais das ruas e para que fosse determinado por lei a existência de pelo menos um *Mac Donalds* por bairro na cidade. Sem julgamentos sobre as suas reivindicações, deixamos que os estudantes criassem, desenvolvessem e solucionassem os seus próprios questionamentos, intervindo apenas na gestão das suas emoções.



Figura 2 Apresentação das “Cidades Inventadas”. Fonte: acervo pessoal, 2018

Como nas aulas anteriores de teatro tinham sido debatidas formas de atuação e participação na sociedade e como os estudantes haviam feito coletivamente reflexões sobre as cidades projetadas por eles, entendemos que performar uma manifestação com cartazes pela escola seria mais um exercício bastante potente para tornar sensível a ideia de luta por direitos historicamente feita nas ruas. Vale ressaltar que esses mesmos alunos, desde que ingressaram nesta escola, puderam acompanhar pelos relatos de pais e professores as lutas pela educação pública, principalmente pela resistência da UERJ, considerando os ataques que essa Universidade vem sofrendo por parte dos últimos governos do Estado, como cortes de verba e suspensão dos salários dos servidores. Assim, fizeram alguns cartazes e fantasiaram-se a partir da provocação que lhes fizemos: "Quem é você na manifestação?".

Durante esse processo, foi interessante observar quais personagens decidiram criar e interpretar. Princesa, surfista, executivo, empregada doméstica e mulher grávida foram alguns tipos interpretados, porém, dois estudantes chamaram a atenção de todos: André, que escolheu uma peruca e um vestido para usar, e Nicolas, que dizia que tudo aquilo era uma vergonha e que ele não participaria da manifestação. O primeiro foi muito questionado pelos colegas, que lhe diziam: "É estranho você se vestir de mulher". Mas de forma bastante clara, André respondia-lhes que estava interpretando uma velhinha sem dinheiro cuja aposentadoria não tinha sido paga pelo governo. Tentamos conversar sobre gênero, questionamos porque um menino não poderia usar um vestido ou uma menina se vestir com gravata, mas na ansiedade para saírem pela escola fantasiados, não deram atenção às nossas perguntas, mas ouviram a justificativa de André sobre a criação do seu personagem e logo passaram a se relacionar com "a velhinha" com muita naturalidade. Nicolas, por sua vez, ainda insistia em maldizer a proposta de sair em manifestação de forma bastante agressiva. Fomos em sua direção e perguntamos por que ele estava tão incomodado e sugerimos até que ficasse em sala caso não quisesse participar. Para a nossa surpresa, Nicolas respondeu que o que ele falava não era verdade, explicou-nos que havia escolhido aquela roupa preta para interpretar um padre que achava que manifestação era "uma pouca vergonha" e que aquela não era a sua própria opinião, mas sim a do personagem.

Todos fantasiados e com seus cartazes na mão saíram da sala em direção ao pátio (FIGURA 3). As reivindicações eram inúmeras e diversas, por isso, a professora de teatro puxou a manifestação cantando a seguinte palavra de ordem que todos seguiram cantando: “Vem pra luta! Vem pra luta!”. Era notório o entusiasmo dos estudantes cantando juntos pela escola em horário de aula, quando não é permitido circular fora das salas. Seguiram pela lateral da quadra esportiva e os colegas que estavam fazendo aula de educação física pararam para ver e se juntaram ao coro. Nós professoras e estudantes pudemos perceber durante essa vivência a potência do contágio do entusiasmo através da manifestação coletiva.



Figura 3 Manifestações dos estudantes pelo CAp UERJ. Fonte: acervo pessoal, 2018.

Sonho das lajes

Ao investigarmos tanto as múltiplas ideias de cidade, como a própria cidade do Rio de Janeiro com os estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, nos deparamos com as necessidades urgentes de transformação social e estrutural do espaço urbano. No entanto, ainda que tenhamos trabalhado a possibilidade de invenção livre de cidades pelas crianças, em muitos desenhos foi reproduzida a sua lógica excludente. Por vezes, quando perguntávamos sobre a aparência das cidades, sem desigualdades econômicas e sociais representadas nos desenhos, boa parte dos alunos nos explicava que não havia pobreza naquela cidade inventada, “que todos tinham dinheiro, eram ricos”. Claro, podemos considerar que escolheram inventar cidades que fossem acessíveis da mesma forma para todos, porém acreditamos que a ausência nos meios de comunicação da representatividade dos espaços e pessoas periféricas ou mesmo a atribuição de estereótipos negativos a esses lugares

estreitam o olhar das crianças, que passam a reproduzir a lógica da invisibilização de pessoas e lugares.

Além dessa experiência, quando no início do ano letivo de 2018 foi proposto que fizessem um desenho a partir da pergunta "Como é a sua *ruga*?", tendo antes conversado sobre a palavra rua, que deriva da palavra ruga, alguns alunos decidiram não representar o seu próprio local. Desenharam a rua de algum conhecido ou inventaram qualquer rua que estivesse dentro dos padrões estéticos de rua, com calçada larga, prédios, carros, shoppings, lanchonetes, etc. Constatamos, assim, que as nossas propostas pedagógicas de certa forma desencorajaram as crianças a representarem os espaços que lhes cercam e por isso decidimos que estudaríamos o bairro do Rio Comprido nas aulas de teatro e artes visuais a partir do olhar sobre as favelas do bairro. Decisão essa que vai ao encontro da realidade dos nossos estudantes do 3º ano e que por essa mesma razão, neste caso, pretende estar em consonância com os projetos decoloniais do conhecimento bastante discutidos na atualidade em congressos e museus, que passaram a rever criticamente o paradigma do colonialismo em seus currículos, exposições, discursos e práticas.

Um exemplo de congresso que discutiu o tema foi o *Congresso de Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: Colonialismo e Questões de Gênero*, que aconteceu no Sesc Vila Mariana em São Paulo entre os dias 23 e 24 de abril de 2019. Também em São Paulo, o museu MASP, e no Rio, o museu MAR, discutiram o tema: O MASP criou o projeto *Arte e descolonização* em parceria com a University of the Arts de Londres, que pretende investigar o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais que explicitamente questionam e criticam os legados coloniais na produção, curadoria e crítica de arte, através de seminários e publicações; já o MAR, ofereceu o curso para professores *Formação em Arte, Educação e Cultura Visual | Flechas no Tempo: A Educação como Encante*, em julho de 2018, que teve como objetivo "[...] desenvolver reflexão teórica e crítica sobre o colonialismo como sendo um efeito que opera até os dias de hoje na formação dos seres, mentalidades e linguagens.". (FORMAÇÃO EM ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA VISUAL | FLECHAS NO TEMPO: A EDUCAÇÃO COMO ENCANTE, 2018).

Concomitante ao início dos estudos sobre o bairro no CAP UERJ, Guto Santos, arquiteto e coordenador do coletivo *Baixo Rio*, que investiga e cria outros modos de se relacionar com a cidade e especificamente com o bairro do Rio Comprido,

convidou os professores do 3º ano para participar do evento *CAMINHOS DE UM RIO POSSÍVEL*, organizado pelo *Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT)- UFRJ*, *O Laboratório de Mobilidade Sustentável (LABMOB) - UFRJ* e *Baixo Rio*. O evento seria um encontro/intervenção criado por professores e alunos que desenvolveram trabalhos separadamente, porém, a partir de um mesmo objeto de análise, a Avenida Paulo de Frontin, sua presença no contexto metropolitano e outros muitos aspectos imateriais.

A partir desse convite e da necessidade de trazer para a sala de aula as experiências e visualidades periféricas, decidimos pesquisar sobre o bairro do Rio Comprido tomando como objeto central não a Avenida Paulo de Frontin, mas sim, as comunidades do entorno. Nas aulas de teatro, trataríamos da ideia de invisibilidade social e nas aulas de artes visuais, nos voltariamos para as construções das lajes tão presentes em periferias.

Começamos a ler Italo Calvino e suas *Cidades Invisíveis* (CALVINO, 1990). Deitados em roda, os estudantes ouviam e depois conversávamos sobre o que tínhamos sentido durante a leitura. Depois, partimos para a discussão sobre a ideia de invisibilidade: "O que significa a palavra *invisível*? Alguém já se sentiu invisibilizado por outras pessoas?". Além das discussões, realizamos várias dinâmicas para acessar essa ideia, entre elas, um jogo em roda onde um dos estudantes tentava dar um recado muito importante enquanto o resto da turma o ignorava até que aquele fizesse uma *ação inesperada* que surpreendesse a todos, retirando-nos da apatia. Gritos, crises de riso e de raiva foram as ações inesperadas mais comuns. Foi necessário impor ao jogo a limitação de não poder tocar no colega, pois após muito tempo sendo invisibilizados, muitos alunos sentiram o impulso de chamar a atenção do grupo empurrando ou puxando o cabelo de alguns dos colegas.

Paralelamente, demos início à pesquisa sobre as construções de lajes. Logo, em resposta à primeira pergunta "O que é uma laje?", a dinâmica de participação dos alunos já mudava. Os alunos que normalmente resistiam em participar das discussões em sala, dessa vez, foram os primeiros a levantar o braço para responder. Boa parte da turma tem laje ou frequenta a de algum familiar e relatou que participam de festas e brincadeiras nas lajes. Alguns poucos alunos não sabiam do que se tratava e foi muito interessante observar a inversão de papéis onde as crianças periféricas detinham o conhecimento a partir de suas vivências e

explicavam para as outras que “laje é um tipo de construção”. Assistimos também ao documentário *Nas Lajes*, de Suzanna Lira (SALA DE NOTÍCIAS. NAS LAJES, 2013), que apresenta como essa arquitetura está presente na construção das relações entre os moradores do Complexo do Alemão. Além disso, o filme apresenta o costume de reunir amigos e familiares para “baterem” a laje num final de semana e, também, como as lajes passaram a ser decoradas de forma mais chamativa desde que o teleférico foi instalado nessa comunidade. As imagens do filme, bastante cotidianas e acompanhadas de batidas de funk, configuraram um clima de identificação e empolgação em sala de aula. Como proposta de produção visual, sugerimos que cada um projetasse uma laje dos seus sonhos, primeiro em desenho e depois em maquete com caixas de sapato, sucata e materiais diversos.

Para além dessas propostas em andamento nas aulas de artes visuais e de teatro, convidamos Catiane dos Anjos e Rafael Ramos para uma roda de conversa com os estudantes – ambos moradores do Morro do Querosene, vizinho à escola. Catiane trabalha nos serviços de limpeza do CAp e Rafael é o fundador do Instituto Resposta, que realiza a transformação de lixões em hortas nessa favela.

Os dois convidados responderam às várias perguntas dos alunos, como: “O que dá para ver da sua casa?”, “Você mora na parte alta da comunidade?”, “Você tem laje?”, “Você conhece a minha prima?”. Nessa conversa, foi interessante perceber como algumas crianças, antes constrangidas, passaram a falar sobre a favela ou comunidade onde vivem. Catiane, que, por sua vez, compõe o grupo das faxineiras da escola, função muito invisibilizada socialmente, era a protagonista naquela conversa junto com Rafael, que além de conversar com os alunos, inesperadamente subiu na mesa para obter a máxima atenção deles e pediu para que desenhassem o que poderiam fazer para melhorar o planeta usando o seu projeto como exemplo. Por outro lado, não deixamos de notar que outros alunos não estavam completamente à vontade, pois não tinham a cultura de favela nos seus hábitos e tampouco frequentavam algum tipo de periferia. Isso não se configurou como um problema, pois a todo momento todos estavam dispostos a esclarecer qualquer dúvida; pelo contrário, só reafirmou a nossa escolha em construir um conteúdo que fosse ao encontro da necessidade de representatividade por parte dos alunos de periferia. A experiência dessa aula e das outras que se seguiram durante o trimestre ofereceu a esses estudantes espaço discursivo onde eles puderam se estabelecer

como detentores do conhecimento solicitado e capacitados para compartilhar esse conhecimento com os outros.

A feitura das lajes, ao longo de mais ou menos dois meses, em nossos encontros semanais, estabeleceu um clima de oficina na sala de aula (FIGURA 4). Cada aluno escolhia e manipulava as sucatas, papéis e tintas de acordo com o seu projeto de laje. A experiência de ver as suas construções se modificando a cada semana empolgava a todos. A transformação desses materiais banais, como plásticos, embalagens e tampinhas em estruturas, ganhando outras funções e comunicando as suas ideias foi o principal desafio para os estudantes e nós mesmas professoras. Os estudantes, por vezes, acreditavam que apenas imaginar que uma embalagem era alguma outra coisa, como um carro, por exemplo, já seria suficiente, e quando os colegas não reconheciam a sua ideia era frustrante. Porém, as conversas sobre essa frustração foram fundamentais para que percebessem a necessidade e a possibilidade de manipular os materiais para tornar a sua ideia reconhecível pelos outros.



Figura 4 Estudante do CAP UERJ com sua maquete, “Sonho das lajes”. Fonte: acervo pessoal, 2018.

Nessa atmosfera de produção engajada com os materiais, achamos que ouvir música poderia ajudar ainda mais a concentrar e dar ritmo às suas criações, assim como é bastante comum na prática de artistas. Cada estudante poderia escolher uma música a ser reproduzida no YouTube do computador da sala. Os funks foram as músicas mais pedidas e animaram as crianças a dançar e a produzir as suas lajes. As músicas também provocavam as suas memórias, e contavam, por vezes, sobre reuniões de festas de família que aconteciam nas suas próprias lajes. Algumas crianças tentaram aprender “o passinho” e passaram a experimentar outras narrativas sobre as favelas para além daquelas que falam sobre violência, como

contou Alice: "Perto da minha casa tem favela e eu reparei que tem uma casa de 5 andares, foi muita gente que bateu laje junta, muito trabalho."

Caminhos de um Rio possível

Mais uma vez, o fim do trimestre se aproximava e a realização do *CAMINHOS DE UM RIO POSSÍVEL* também. Infelizmente, não conseguimos alterar nem a data desse e tampouco a data de abertura das olimpíadas, evento tradicional realizado pelo CAP UERJ, que coincidiram com o evento. Por isso, não foi possível promover a presença dos estudantes, visto que a abertura das olimpíadas é um evento grandioso e não acontece na escola, mas sim na UERJ, em outra localidade, o bairro do Maracanã. Dessa forma, o evento *CAMINHOS DE UM RIO POSSÍVEL* foi realizado com a nossa presença, a dos professores do núcleo comum e do LUMEI, que também participaram convidando os visitantes do evento a registrarem seus trajetos cotidianos em um grande mapa do município do Rio de Janeiro (FIGURA 5).



Figura 5 Evento CAMINHOS DE UM RIO POSSÍVEL, no Rio Comprido. Fonte: acervo pessoal, 2018.

O evento no Rio Comprido, que reuniu professores e estudantes de arquitetura, além de nós, contou com pesquisas e maquetes propositivas para o bairro. Algumas apresentaram a avenida Paulo de Frontin sem o elevado, enquanto outras transformaram a avenida em uma área de lazer. Além disso, a própria maneira de ocupar a rua lateral da Praça Condessa Paulo de Frontin – que foi fechada para o evento e marcada com uma pintura instalativa no chão com palavras que sensibilizam as relações entre sujeitos e cidade, como *casa*, *pausa*, *nosso*, entre

outras –, propunha uma outra forma de estar no espaço público. Em comum a todos os trabalhos e pesquisas, uma grande inquietação em relação à ordem da cidade – desde o que diz respeito à arquitetura do espaço, até às relações de poder que elas refletem. Acreditamos, assim, que as lajes das crianças, também expostas junto a esses trabalhos, cumpriram o papel de aprofundar ainda mais o olhar sobre o bairro e a cidade, uma vez que representaram a voz da educação básica e da cultura de favela e periferia.

Considerações finais

Este trabalho foi elaborado a partir de trocas conceituais e práticas entre nós, professoras de artes visuais e teatro e, também, com os professores do núcleo comum e de diversas áreas do grupo de extensão LUMEI.

O conjunto de experiências aqui apresentado, dentro e fora das salas de aula, e o conjunto de propostas de reflexão e produção artística feitas aos estudantes do terceiro ano partiram do desejo de subverter a organização do próprio currículo escolar, através da diluição das fronteiras entre as disciplinas, entre a sala de aula e a escola, e entre o corpo e a mente. Portanto, nosso objetivo durante essa pesquisa foi desnaturalizar junto aos estudantes a ordem do conhecimento, ideias preconcebidas sobre a nossa sociedade e cidade, e promover condições para a criação de conhecimento e sentido para o seu amadurecimento como indivíduos e cidadãos.

Referências

ARTE E DESCOLONIZAÇÃO, 2018, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao> Acesso em: 07 jul. 2019.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CONGRESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DAS ARTES NA AMÉRICA LATINA: COLONIALISMO E QUESTÕES DE GÊNERO, 2019, São Paulo. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/programacao/162793_CONGRESSO+ENSINO+APRENDIZAGEM+DAS+ARTES+NA+AMERICA+LATIN Acesso em: 07 jul. 2019.

FORMAÇÃO EM ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA VISUAL | FLECHAS NO TEMPO: A EDUCAÇÃO COMO ENCANTE, 2018, Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/formacao-em-arte-educacao-e-cultura-visual-flechas-no-tempo-a-educacao-como-encante-0> Acesso em: 07 jul. 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Ed. São Paulo, 2013.

JAPIASSÚ, Hilton. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MIGNOLO, Walter D. *A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir*. Tradução de Cristiana Fino. Afterall journal, Londres, n.43, primavera-verão 2017, pp.38-45. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-A6lvDkKoTEXaGRZoS8Au.pdf> Acesso em: 27 jun. 2019.

RIO PREFEITURA. INSTITUTO PEREIRA PASSOS. Apresentação. *Sistema de Assentamentos de Baixa Renda*. Rio de Janeiro, 28 maio 2019. Disponível em: <http://www.data.rio/app/sabren>. Acesso em: 27 jun. 2019.

SALA DE NOTÍCIAS. NAS LAJES. Direção de Suzanna Lira. *Produção: Modo Operante*. Rio de Janeiro: Canal Futura, 2013. 1 vídeo (13:10 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=90&v=Av_K6vPccNw Acesso em: 28 jun. 2019.

ⁱ Fernanda Rabelo - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp UERJ).

ⁱⁱ Taianã de Oliveira Mello Garcia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF)

ⁱⁱⁱ Matriz Colonial de Poder (MCP) é uma estrutura de gerenciamento, composta de domínios, níveis e fluxos que controlam e afetam todos os aspectos e trajetórias das nossas vidas. (MIGNOLO, 2017, p. 6)

^{iv} O núcleo comum é constituído pelas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências das séries iniciais do Ensino Fundamental.